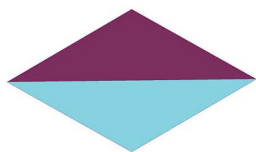


Quente & Frio

Crescer também é bom

Tem sido pela rentabilidade e solidez que o BIG se evidencia entre os seus concorrentes. Em 2013 cresceu em todas as frentes, no crédito, no produto bancário e nos recursos captados, acima da média. O lema “o que é pequeno é bonito” ainda existe, mas é no capital que se concentram as prioridades. Voltou a ganhar com destaque no indicador de solidez e com uma distância significativa dos seus pares. No risco do custo de crédito, nos rácios de capital e na qualidade do crédito.



Rentabilidade penalizada

Perdeu a batalha da rentabilidade para o Banco Invest, mas ficou perto do seu concorrente. Ainda assim, continua com uma rentabilidade sobre os capitais próprios elevada, 37,99%, mas também perdeu terreno na rubrica *cost-to-income*, que serve para medir a parte da riqueza gerada que é absorvida pelos custos.

Capital, solidez e crescimento

A distribuir dividendos nos últimos 10 anos, o BIG trocou rentabilidade por crescimento. Com muito capital / Texto Isabel Vicente

Apesar de não correr atrás do tamanho, este ano o BIG foi, entre os médios ou pequenos bancos, o que mais cresceu. Quinze anos após a sua fundação, o banco, liderado por Carlos Rodrigues, continua a colecionar capital e solidez financeira. De 2011 a 2012, o banco mais do que duplicou o capital próprio: passou de 67,2 milhões de euros para 170,7 milhões. Em 2013 atingiu 207,1 milhões de euros.

Tal como aconteceu nos últimos anos, o BIG voltou a ganhar prémios, três, com base nos indicadores de 2013, mas perdeu para outro, o Banco Invest, um dos seus pódios, o de ser o mais rentável. Da análise feita aos indicadores dos bancos, em 2013 o BIG deixou de ser o banco mais rentável para ser o que mais cresceu. Mas nem por isso deixou de lado os ingredientes para manter a solidez do capital e o valor patrimonial dos acionistas e clientes. “É verdade que crescemos, mas não temos a obsessão de sermos grandes.” E “pagamos todos os impostos em Portugal”, acrescenta.

O presidente do BIG não deixa passar a oportunidade de dizer que “se Portugal continuar no caminho sustentado nas contas públicas, poderão ser criadas raízes para atrair investidores e a economia

começar a crescer”. Mas também diz que “Portugal não está num momento alto de reputação face aos acontecimentos mais recentes”, referindo-se ao colapso financeiro do BES, que atingiu várias jurisdições no pior sentido.

Cautela continua a ser trave mestra

Embora o banco não seja este ano o mais rentável, a rentabilidade dos capitais próprios (ROE) tem um nível elevado, de 37,99%, perdendo por pouco mais de um ponto percentual o pódio nesta categoria. A solidez continua a marcar pontos e a ser a prioridade para Carlos Rodrigues. À conversa com a *EXAME*, o líder e fundador do banco afirma que o BIG atravessa hoje mais desafios. “Queremos fazer evoluir o perfil do banco disponibilizando mais serviços e produtos mais inovadores, que facilitem a vida aos nossos clientes.” Ou seja, dar mais ferramentas para autonomizar os clientes mais sofisticados que investem nos mercados de capitais e privilegiar o negócio das comissões. “Estamos a dar início a uma remodelação das plataformas de contacto com os clientes. Com isso queremos aumentar a base das receitas através de plataformas mais eficientes”, adianta Carlos Rodrigues. “O aconselhamento ►



Se Portugal continuar no caminho sustentado das contas públicas, poderão ser criadas raízes para atrair investidores e a economia começar a crescer

Portugal não está num momento alto de reputação como poderia estar, afirma Carlos Rodrigues referindo-se ao colapso do BES



FOTO GIORGIO BORDINO

Carlos Rodrigues O líder do banco diz que o crescimento não fará desviar o olhar da gestão prudente dos recursos

BANCA

Melhor Médio ou Pequeno Banco, o que Mais Cresceu e o Mais Sólido

► é outra das áreas onde queremos inovar e cujo desafio é constante”, afirma o fundador do BIG.

Uma das prioridades da gestão que faz parte do ADN do BIG no que toca a investimentos “é ter bom senso e muita cautela”. A estratégia assenta, entre outras matérias, no controlo apertado dos ativos sob gestão, e, quando há dúvidas sobre a qualidade dos mesmos, o banco desfaz-se dessas aplicações. A prestação de contas aos acionistas e a distribuição de dividendos é mais uma das linhas mestras. Isto a somar a uma almofada de capital elevada. Durante 10 anos dos 15 que perfazem a sua existência, o BIG teve uma política de dividendos “adequada”. Um dos anos em que não houve distribuição de dividendos foi para acatar a recomendação do Banco de Portugal no auge da última crise económico-financeira. Carlos Rodrigues faz questão de sublinhar que parte dos lucros fica em casa, para aumentar os fundos próprios e fortalecer os rácios de capital, e só uma parte é distribuída aos acionistas. E adianta que desde 2001 não aumentou o capital. No último ano distribuiu dividendos de 18 céntimos por ação (dos quais 12 céntimos antecipadamente). Este ano pode chegar a 21 céntimos por ação.

O rácio de solvabilidade e de capital (*core tier 1*) do banco em 2013 foi de 32,9% e 32,7%, respetivamente. Carlos Rodrigues chama a atenção para o facto de o total do ativo líquido do banco ser quase seis vezes maior do que os capitais próprios, o que revela o bom desempenho do banco em termos de desalavancagem. Os lucros continuaram a somar e em 2013 o BIG fechou o ano com 58,6 milhões de euros, mais seis milhões de euros do que em 2012. O pior ano em termos de resultados foi mesmo 2011 – 2,5 milhões de euros. A partir daí, tem sido sempre a somar.

Qualidade do crédito em alta

No que diz respeito à qualidade do crédito, o indicador sobre crédito vencido há mais de 90 dias do BIG é o melhor da banca (0,08%), melhorando face a 2012 e aumentando a distância face aos outros bancos. Também no custo do risco do crédito nos resultados o banco liderado por Carlos Rodrigues se afasta positivamente da concorrência (menos 0,02%).

0,08%

Percentagem do crédito vencido há mais de 90 dias sobre o crédito total. Este é um dos indicadores em que o BIG mais se distancia dos seus concorrentes. Na qualidade do crédito, é o mais eficiente e o que reflete um melhor comportamento no custo do risco do crédito em resultados.

32,7%

Rácio de capital de base (*core tier 1*). Um dos mais elevados da banca portuguesa, o que é explicado pela dimensão do banco, a somar ao apertado controlo dos investimentos e à aposta na solidez.

E no rácio de eficiência (*cost-to-income*) também lidera o *ranking*, melhorando de 28,22% obtidos em 2012 para 19,4% em 2013.

O crédito concedido cresceu 2,15%. Entre os seus pares, foi o segundo melhor na concessão de empréstimos. Mas mais uma vez não é missão do BIG apressar o passo neste segmento. Da análise feita, foi, entre os bancos médios ou pequenos, o que maior crescimento teve nos empréstimos concedidos.

A evolução dos recursos captados foi significativa, de 25,7%, melhorando a política de captação de depósitos. Com a economia a dar sinais de alguma retoma face a 2013, ano em que não houve crescimento, o BIG poderá voltar a crescer e provavelmente em 2015 estará de olho em alguns ativos na área dos seguros e da banca. Mas não “necessariamente em Portugal”, adianta Carlos Rodrigues, que recentemente manifestou interesse em alguns ativos do Novo Banco.

2014 está a correr bem

Deixar os acionistas satisfeitos e crescer sem descuidar o equilíbrio entre o investimento a médio e longo prazo e a existência de retornos no curto prazo faz parte do ADN do BIG. Nos primeiros nove meses do ano o produto bancário aumentou, mas a margem financeira foi penalizada. Face aos primeiros nove meses de 2013, verificou-se um crescimento de quase mil milhões de euros em comissões. E, quanto ao capital, cresceu para 246,4 milhões de euros. Em 1999, o BIG iniciou a sua atividade com um capital social de 25 milhões de euros. Desde então, capital e rentabilidade têm andado lado a lado. E nos primeiros nove meses de 2014 a rentabilidade dos capitais próprios médios, face a igual período de 2013, aumentou para 36,4%. Se tudo correr como o esperado, os lucros também irão crescer, diz o gestor.

De janeiro a setembro, o lucro ascendeu a 61,9 milhões de euros, um aumento de 47% face ao valor do mesmo período de 2013. E no que toca aos depósitos o crescimento foi também assinalável. Neste período aumentaram 23%, para 775,7 milhões de euros. O banco está a crescer e Carlos Rodrigues garante que não se irá desviar da gestão prudente dos recursos. ■